

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – CURSO DE PEDAGOGIA

TATIANA DE CAMARGO

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL

SÃO PAULO

2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – CURSO DE PEDAGOGIA

TATIANA DE CAMARGO

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Pedagogia, como exigência parcial para obtenção do diploma de Pedagogo, da Faculdade de Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP.

Orientadora: Profa. Dra. Alda Luiza Carlini

SÃO PAULO

2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – CURSO DE PEDAGOGIA

TATIANA DE CAMARGO

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL

**BANCA EXAMINADORA**

Presidente e orientador: Profa. Dra. Alda Luiza Carlini

1º. Examinador: Prof. Dr. \_\_\_\_\_

2º. Examinador: Prof. Dr. \_\_\_\_\_

São Paulo, 30 de Novembro de 2012

SÃO PAULO

2012

## *Dedicatória*

*Ao Rodrigo Camargo, como sempre, pela amizade e por ter sido um deus doméstico ao longo deste período.*

*A minha mãezinha, já falecida, que com certeza teria orgulho desta etapa, por toda a nossa história.*

## *Agradecimentos*

*Por toda a ajuda, carinho e apoio sou imensamente grata às seguintes pessoas:*

*A minha professora Dra. Alda Luiza Carlini, pela competência e orientação ao longo do ano para a realização deste trabalho.*

*Às minhas amigas, Cintia Santanna, Simone Pires e Deia Costa, pela compreensão de minha ausência.*

*Aos meus alunos do grupo G3 Urso Panda, por fazerem minhas tardes mais doces, e pelos fortes abraços.*

## Epígrafe

"Nosso grande medo não é o de que sejamos incapazes.

Nosso maior medo é que sejamos poderosos além da medida. É nossa luz, não nossa escuridão, que mais nos amedronta.

Nos perguntamos: Quem sou eu para ser brilhante, atraente, talentoso e incrível?

Na verdade, quem é você para não ser tudo isso? Bancar o pequeno não ajuda o mundo. Não há nada de brilhante em encolher-se para que as outras pessoas não se sintam inseguras em torno de você.

E à medida que deixamos nossa própria luz brilhar, inconscientemente damos às outras pessoas permissão para fazer o mesmo."

Nelson Mandela (discurso de posse, 1994)

## RESUMO

CAMARGO, Tatiana. **Educação a distância no Brasil**. 2012. 33f. Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. 2012.

De modo geral, a educação a distância pode ser definida como um modelo no qual professor e aluno estão separados por espaços e, algumas vezes, temporalmente, sendo que a interação entre eles ocorre de modo indireto, mediada pelo uso de alguma tecnologia. Trata-se de uma educação que se desenvolve na cibercultura, constituída como “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, codificação, isto é, de atitudes, de modos de pensamento e de valores”, que vai além do uso da internet e explora suas possibilidades de comunicação multidirecional, e na cultura das novas gerações. A cada uma das gerações é marcada por um tipo de tecnologia e mídia, temos: 1ª geração (correspondência); 2ª geração (transmissão por rádio e TV); 3ª geração (universidades abertas); 4ª geração (teleconferência); e 5ª geração (internet/web). É importante ressaltar que hoje essas gerações coexistem e a escolha da mídia depende dos objetivos estabelecidos no projeto pedagógico, assim como das características do público-alvo a que o curso se destina.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação a distância, cibercultura, tecnologias, habilidades.

## ABSTRACT

CAMARGO, Tatiana. **Educação a distância no Brasil**. 2012. 33f. Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. 2012.

In general, distance education can be defined as a model in which teacher and student are separated by spaces and sometimes temporally, and the interaction between them occurs indirectly, mediated by the use of some technology. It is an education that develops in cyberculture, constituted as "set of techniques (material and intellectual), practices, coding, ie, attitudes, modes of thought and values," that goes beyond the use of internet and explores its possibilities multidirectional communication, and culture of the new generations. In each generation is marked by a kind of technology and media, we have: 1st generation (correspondence), 2nd generation (transmission by radio and TV), 3rd generation (Open University), 4th generation (teleconference) and 5th generation (internet / web). Importantly, these generations coexist today and the choice of media depends on the objectives established in the pedagogical project, as well as the characteristics of the target audience that the course is intended.

**KEY WORDS:** distance education, cyberculture, technology, skills.

## SUMÁRIO

Introdução.....	09
Capítulo 1	
Educação a Distância no Brasil – aspectos históricos.....	11
Capítulo 2	
Características Essenciais da EAD no Brasil.....	17
Capítulo 3	
Competências e Habilidades do Professor que Atua em EAD.....	24
Considerações finais.....	31
Referências	

## INTRODUÇÃO

Quando eu iniciei o curso de Pedagogia da PUC/SP, em 2007, ainda trabalhava em banco, e meu objetivo na época era atuar em Pedagogia Empresarial, na área de Recursos Humanos. Na ocasião, fazíamos muitos cursos *on-line* desenvolvidos pela empresa. E foi então que descobri que esta era uma área na qual o pedagogo também poderia atuar e, logo no primeiro semestre do curso, tive aulas de uma disciplina sobre educação a distância. Com o passar dos anos, a curiosidade pelo tema foi aumentando.

A escolha do tema decorreu de uma profunda curiosidade, pois com o avanço dos recursos da tecnologia, eu queria saber como os professores estavam acompanhando a “idade da mídia”, o que eles estavam fazendo para acompanhar a evolução dos recursos da tecnologia e como os estavam utilizando em EaD. Também queria saber quais as características do profissional que trabalhava nessa área e por que a educação a distância recebia tantas críticas.

No decorrer da pesquisa, fui encontrando respostas para as minhas perguntas e desvendando alguns mitos existentes sobre o assunto. Para muitos docentes e alunos, a educação a distância ainda é algo novo, mas é preciso ficar atento e compreender que ela tem uma história, que foi ganhando força ao longo dos anos com o avanço da tecnologia, e que não se trata de uma modalidade educativa tão recente.

Diante dessas questões, esta investigação foi organizada com o objetivo geral de analisar a História da Educação a Distância no Brasil até os dias atuais. Esse objetivo foi desdobrado em três objetivos específicos: descrever o processo de implantação da EAD no Brasil; Analisar as características essenciais da EaD baseada na web, praticada no Brasil; e Enumerar as habilidades e competências necessárias ao educador que atua em EaD.

A pesquisa foi realizada na forma de busca bibliográfica, em fontes impressas e digitais e o relatório final está dividido em três capítulos que abordam: a Educação a Distância no Brasil – aspectos históricos, no capítulo 1; as Características essenciais da EaD no Brasil, no capítulo 2; e, no capítulo 3, as Competências e habilidades do professor que atua em EaD.

## CAPÍTULO 1

### EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL – ASPECTOS HISTÓRICOS

Alguns autores afirmam que a educação a distância teve início com o uso de cartas intermediando a comunicação, no processo de divulgação de informações e de novos conhecimentos. Esse processo é citado por Nunes (2012):

Podemos citar as cartas de Platão a Dionísio; as numerosas cartas de Santo Agostinho, que contém doutrina, exortação, conselho, condenação de erros e de heresias, abrangendo um variado leque de temas cristãos; as 124 cartas de Sêneca (epistolário a Lucílio), um tratado de ensino de filosofia estóica; as de Pierre de Maricourt, em 1296, explicando os princípios do magnetismo; as de Newton a Bentley, apresentando os argumentos sobre a existência de Deus; as de Eucler a uma princesa alemã, iniciando-a no conhecimento das ciências. (NUNES, 2012, p. 274, *apud* Universidade Católica de Brasília, 2008.)

A educação à distância foi empregada no Brasil, desde o século XIX, com o apoio do correio, para transmitir informações e instruções aos alunos e deles receber as lições propostas, funcionando como uma alternativa para a realização de estudos, principalmente na educação não formal.

Posteriormente, ela foi utilizada para tornar a educação convencional acessível às pessoas residentes em áreas isoladas ou para aquelas que não tinham condições financeiras para cursar o ensino regular em tempo adequado. Isso lhe rendeu a reputação de educação de segunda classe e de baixo custo.

Em 1923, foi fundada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, uma iniciativa privada que teve pleno êxito, cuja função principal era possibilitar a educação popular. Os programas educativos, a partir dessa época, se multiplicavam e repercutiam em outras regiões, não somente do Brasil, mas em diversos países do continente sul americano.

A educação por meio do rádio foi, dessa maneira, o segundo meio de transmissão a distância, uma vez que havia sido precedida pela correspondência, que não se extinguiu com a criação do serviço de radiodifusão educativa. Inúmeros programas, principalmente privados, foram implantados a partir da criação do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação, em 1937.

A televisão começou a ser usada para fins educativos, de maneira positiva, nas décadas de 1960 e 1970. Coube então, ao código Brasileiro de Telecomunicação, publicado em 1967, determinar que deveria haver transmissão de programas educativos, via radiodifusão, assim como pelas televisões educativas. As universidades receberam incentivos para a instalação de canais de difusão educacional.

Em 1969, foi criado o Sistema Avançado de Tecnologias Educacionais que previa a utilização de rádio e televisão em atividades educativas. Na sequência, foi criado o Programa Nacional de Teleducação (Prontel), que permaneceu por um período curto, pois logo em seguida foi substituído pelo Centro Brasileiro de TV Educativa (Funtevê), como órgão integrante do Departamento de Aplicações Tecnológicas do Ministério da Educação e Cultura.

Em 1994, o Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa foi reformulado, e a coordenação de suas ações foi delegada à Fundação Roquete Pinto.

A Fundação Roberto Marinho, por sua vez, desenvolveu programas de educação a distância que obtiveram sucesso, como os Telecursos, estabelecendo mecanismos de apoio para que os alunos pudessem obter a certificação de estudos pelo poder público.

Os anos se passaram e não ocorreram outros resultados concretos nos processos educativos mediados pelos canais abertos de televisão. Em geral, os programas, embora de boa qualidade, eram transmitidos em horários incompatíveis com a disponibilidade dos possíveis alunos.

Com o surgimento da TV fechada, abriram-se novas possibilidades para a criação de emissoras, que se dedicaram de maneira qualificada aos processos de

educação. Neste cenário, podem ser destacadas os canais ligados às universidades e à iniciativa privada com finalidade específica, como as TV universitárias, o Canal Futura, a TV Escola, as TV Cultura ligadas aos governos estaduais.

Quase ao mesmo tempo, um novo cenário se oferece à educação a distância no Brasil, viabilizado pela maior disponibilização de computadores e, mais tarde, da Internet. Os computadores passaram a ser empregados, no campo da educação, na década de 1970, quando ainda tinham alto custo. No entanto, com o decorrer do tempo, tornaram-se mais baratos e, nos dias de hoje, já são mais acessíveis à população, em geral. A Internet ajudou a consolidar a propagação de uma nova modalidade de educação a distância para todo o sistema educativo brasileiro e mundial.

Outro ponto importante a ser considerado na expansão da educação a distância, no Brasil, foi a implementação pelo Governo Federal da Universidade Aberta do Brasil (UAB), que tem por compromisso expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no país.

A secretaria de Educação a Distância do MEC tinha a expectativa, por ocasião da criação do sistema UAB, de que essa modalidade contribuiria no atendimento à demanda de formação ou capacitação de professores para a educação básica.

A educação a distância no Brasil foi regulamentada pelo artigo 80 da LDB (Lei 9.394, de 1996), que dispõe que “o Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada”.

A regulamentação das medidas anunciadas pelo art. 80 da LDB, em seus parágrafos, como o credenciamento de instituições, os requisitos para a realização de exames e registro de diplomas, foi objeto de normatização no Decreto nº. 2.494/98, substituído, em 19 de dezembro de 2005, pelo Decreto nº. 5.622, que no Art. 1º caracteriza a educação a distancia

como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com

a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. (Art.1º).

O texto legal explicita a necessidade de professores desenvolverem a mediação pedagógica e determina requisitos a serem cumpridos pelas instituições que demandam credenciamento.como:

VI - projetos pedagógicos para os cursos e programas que serão ofertados na modalidade a distância;

[...]

VII - apresentar corpo docente com qualificações exigidas na legislação em vigor e, preferencialmente, com formação para o trabalho com educação a distância;

[...]

X - descrição detalhada dos serviços de suporte e infraestrutura adequados à realização do projeto pedagógico, relativamente a:

a) Instalações físicas e infraestrutura de suporte e atendimento remoto aos estudantes e professores, [...]

c) Polos de educação a distância para a execução descentralizada de funções pedagógico-administrativas do curso, quando for o caso;

d) Bibliotecas adequadas, inclusive com acervo eletrônico remoto e acesso por meio de redes de comunicação e sistemas de informação, com regime de funcionamento e atendimento adequados aos estudantes de educação a distância. (Art.12).

A EaD é entendida como uma modalidade educacional, que poderá ser aplicada a diversos níveis e modalidades de ensino, como: educação de jovens e adultos (EJA), educação superior (formação inicial e continuada).

Alguns profissionais de educação, no entanto, ainda consideram a educação a distância, como sinônimo de educação massificada, de qualidade inferior, porque tal característica foi marcante nas origens da EaD, no Brasil. Muitas dessas práticas, realizadas ao longo da história da educação brasileira, foram marcadas pelos modelos de educação tecnicista, que enfatizava o material pedagógico, em detrimento da mediação pedagógica exercida pelo professor. Em algumas circunstâncias, os cursos eram oferecidos sem a presença ou interferência dos professores.

Hoje, o cenário educacional apresenta continuas discussões sobre esta questão e opiniões claras em relação à necessidade de uma ação educativa

orientada por um profissional de educação. Segundo o relato de Gouveia e Bizzo à Câmara de Educação Básica/CNE (2002, p. 10) “[...] a aprendizagem, possível por intermédio dos meios de comunicação, não ocorre sem uma relação estreita entre vários protagonistas do processo”, evidenciando que a participação e a interação entre os alunos e entre alunos, professores e tecnologias são essenciais, tanto na educação presencial quanto na educação a distância.

Em geral, os cursos oferecidos na forma de educação a distância contam com a presença do professor para elaborar o projeto pedagógico do curso, selecionar os materiais didáticos e planejar as atividades de ensino e aprendizagem, e com um ou vários tutores encarregados de ajudar o aluno em suas tarefas ou até mesmo orientá-los em suas dúvidas. Em algumas instituições de ensino, o tutor também é um professor.

Para Almeida (2001), participar de um ambiente virtual significa atuar nesse ambiente, expressar pensamentos, tomar decisões, dialogar, trocar informações e experiências e produzir conhecimentos. Cada pessoa busca informações que mais são pertinentes, internaliza-as, apropria-se delas e as transforma em uma nova representação, ao mesmo tempo em que se transforma e volta a agir no grupo transformado e transformando o grupo.

Nessa abordagem de EaD, ensinar é organizar situações de aprendizagem, planejar e propor atividades, identificar as representações do pensamento do aluno, atuar como mediador e orientador., aprender é planejar, desenvolver ações, receber, selecionar e enviar informações, desenvolver a interaprendizagem, a competência de resolver problemas em grupo e a autonomia, em relação à busca, ao fazer e compreender. Nesta perspectiva, a EaD permite estabelecer múltiplas relações, ultrapassando a compreensão individual.

A educação a distância relaciona-se com o desenvolvimento de uma cultura tecnológica, onde há atuação dos profissionais em ambientes virtuais, equipes constituída por educadores, profissionais de design, programação e desenvolvimento de ambientes computacionais para EaD.

Em função do desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação e informação, novas necessidades se impõem às composições de equipes de trabalhadores em EaD. Segundo Moore e Kearsley (*apud* SILVA, 2009), é possível caracterizar os diferentes momentos como gerações e, cada uma delas é marcada por um tipo predominante de tecnologia e mídia. Assim, temos: a 1ª geração, com educação por correspondência; a 2ª geração, com transmissão por rádio e TV; a 3ª geração, com o surgimento das universidades abertas; a 4ª geração, com o uso das teleconferências; e a 5ª geração, que utiliza a internet e a web. É importante ressaltar que hoje, essas diferentes formas de trabalho em EaD coexistem e que a escolha da mídia depende dos objetivos estabelecidos no projeto pedagógico do curso, assim como das características do público-alvo a que o curso se destina.

## CAPÍTULO 2

### CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS DA EAD NO BRASIL.

Atualmente, é possível afirmar que o Brasil vive uma fase de consolidação da EaD, principalmente no ensino superior, com crescimento expressivo e sustentado. Os profissionais e as instituições de educação estão deixando progressivamente de ser importadores de modelos de EaD, para tornarem-se desenvolvedores de novos projetos. Um dos motivos principais para esse crescimento rápido, pode ser a demanda reprimida de alunos não atendidos por instituições de ensino superior presenciais, principalmente por motivos econômicos.

Ainda se observa a falta de instituições educacionais grandes e confiáveis com atividades em EaD, como em outros países, mas já foi possível, nos últimos vinte anos, com a ampla oferta de Internet, passar do modelo de EaD por correspondência para o digital. Ao mesmo tempo, é preciso considerar que, no Brasil, a EaD sempre esteve vinculada ao ensino técnico, desde a década de 1940, com o Instituto Monitor e o Instituto Universal Brasileiro. Depois, ao ensino de adultos, com os cursos supletivos, que combinavam apostilas e televisão, com os Telecursos.

Os cursos que mais cresceram, nos últimos anos, foram os de especialização, também conhecidos como cursos de pós-graduação *lato senso*. A maior parte das instituições de ensino, ainda utiliza o material impresso como mídia predominante (84%). A Internet vem crescendo e ocupa o segundo lugar, em termos de utilização, com 63% de instituições que a empregam em EaD. O auxílio mais oferecido como suporte aos alunos é o e-mail, presente em 87% dos cursos; na seqüência vem o telefone, com 82%; depois, destaca-se o auxílio do professor presencial, com 76%; e do professor on-line, com 66%. Alternativas como o fax chegam a 58%; cartas, a 50%; reuniões presenciais, a 45%; e reuniões virtuais, por último, com 44%. A maior parte das instituições de ensino

tem começado sua atuação em EaD de forma isolada, e com alcance predominantemente regional. (MORAN, s/d)

Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), em 2010, um contingente de 144.553 pessoas concluíram cursos de graduação a distância no Brasil. Os 930 cursos que as abrigavam representam o aspecto da educação a distância (EaD) mais visível, atualmente no Brasil, a graduação.

Mas, a EaD no país também conta com cursos nos níveis fundamental e médio e na pós-graduação. Segundo a sinopse estatística da educação básica, do Inep, em 2011, foram registradas 435.595 matrículas na educação de jovens e adultos (EJA), em cursos semipresenciais, 54% delas no ensino médio. Como se observa, a EaD ainda não tem tantos adeptos, pois somente em 2011, foram registradas quase quatro milhões de matrículas de jovens e adultos em cursos presenciais, com apenas um terço delas no ensino médio (1.322.422).

A história da EaD no Brasil remonta aos anos 1920, com as atividades pioneiras de utilização da radiodifusão, por meio da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Mas, somente em maio de 1996, foi criada no Ministério da Educação (MEC) a Secretaria de Educação a Distância (SEED). Seu objetivo principal era atuar como agente de inovação tecnológica nos processos de ensino e aprendizagem, promover a incorporação das tecnologias de informação e comunicação e das técnicas de educação a distância aos métodos didático-pedagógicos. Extinta em 2011, os programas e ações da SEED passaram para a responsabilidade da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi). Segundo o MEC, com o crescimento da EaD, no Brasil, ela passou a ser gerida pelas secretarias convencionais, recebendo o mesmo tratamento que as modalidades presenciais.

Mais de 50% dos cursos de graduação a distância são oferecidos por instituições privadas de ensino. As universidades públicas, que oferecem cursos de nível superior a distância, estão integradas ao Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). Instituído em 2006, o sistema UAB funciona como articulador entre as instituições de ensino superior e os governos estaduais e municipais, para

atender às demandas locais. O MEC coordena também o sistema Rede e-Tec Brasil, de oferta de educação profissional e tecnológica a distância, por meio de cursos técnicos de nível médio, públicos e gratuitos, em regime de colaboração entre União, Estados, Distrito Federal e municípios.

Em São Paulo, foi criada em 2008, a Universidade Virtual do Estado de São Paulo (Univesp), que oferece cursos semipresenciais e virtuais, como já vem sendo praticado em países como França, Inglaterra e México. Trata-se de uma articulação da Secretaria de Ensino Superior do Estado de São Paulo com as universidades estaduais paulistas e com o Centro Paula Souza, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo (Fapesp), da Fundação do Desenvolvimento Administrativo Paulista (Fundap) e da Fundação Padre Anchieta.

De acordo com o MEC, os cursos superiores oferecidos a distância atingem mais de 30% dos 5.561 municípios brasileiros. Tomando-se por base o ano de 2010, constata-se que 14,6% das matrículas na graduação foram em cursos a distância. Dessas, 80,5% foram feitas em instituições privadas. Em dez anos, o número de matrículas em EaD cresceu de forma impressionante, passando de 5.359, em 2001, para 930.179, em 2010. No mesmo período, a matrícula em cursos presenciais cresceu 80%.

Mas, é preciso considerar que o perfil do aluno de cursos de graduação a distância é diferente daquele que faz a escolha pelo curso presencial. A média de idade de ingresso nos cursos presenciais é de 19 anos e, nos cursos a distância, ela sobe para 28 anos. E a média de idade dos concluintes nos cursos presenciais é de 23 anos, enquanto nos cursos a distância é de 31 anos. Na EaD, predominam matrículas para as licenciaturas. Quando se considera a escolha das carreiras, as diferenças são ainda maiores. Mais de 77% dos concluintes de 2010 na graduação a distância são egressos de cursos nas áreas de educação (49,7%) e de gerenciamento e administração (27,6%).

A regulação de todos os cursos superiores a distância segue dinâmica semelhante àquela que acontece com os cursos presenciais. No Brasil, as bases legais para a modalidade de EaD foram estabelecidas pela Lei de Diretrizes e

Bases da Educação Nacional, de 1996. Todavia, embora responsável pelo credenciamento, o MEC não avalia cursos superiores a distância, mantém apenas o Sistema de Consulta de Instituições Credenciadas para Educação a Distância e Polos de Apoio Presencial (Siead), no qual é possível verificar a regularidade da instituição.

A EaD no Brasil vem se aperfeiçoando, ao longo dos anos, novos métodos e tecnologias ajudam a melhorar a qualidade do ensino oferecido, contribuem para a satisfação dos alunos e possibilitam o crescimento das instituições de ensino que trabalham com a EaD. Para dar credibilidade e firmar a EaD como uma modalidade eficaz de aprendizagem, houve necessidade da criação de uma legislação específica para regulamentação e controle de sua qualidade. Para atender às novas exigências, as instituições passaram a desenvolver conceitos de Gestão, Didática na educação a distancia e Avaliação institucional, voltados para melhorar a qualidade dos métodos de ensino e aprendizagem.

No artigo 1<sup>a</sup>, da Lei das Diretrizes e Bases da Educação (1996), a educação é descrita como um complexo de fatores envolvendo vários atores que participam da construção de um conhecimento individual e coletivo. Esse coletivo refere-se a um processo de formação sistêmica onde a família, como um núcleo, os relacionamentos interpessoais, as organizações trabalhistas, escolas, sociedade e a cultura do povo, como um todo, formam um sistema organizado, que molda o jeito de ser de um grupo em comum. Neste contexto de integrar o aprendizado individual com o coletivo, existe a necessidade da quebra de paradigmas, em relação à possibilidade do aprendizado individual com um acompanhamento não presencial. Desta forma, as referencias de qualidade se tornam essenciais para a comprovação da eficácia do aprendizado do aluno.

Tendo como objetivo melhorar a qualidade da educação a distancia, o governo criou legislação própria, que incorporou determinadas regras a serem seguidas, no sentido de validar a qualidade da EaD, o que resultou no aumento da oferta de cursos a distancia. Podem ser mencionados, nesse sentido, o Decreto 5.662 (2005) que regulamentou o tema, com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Este Decreto estabeleceu a política de garantia de qualidade, no tocante aos variados aspectos

ligados à modalidade educação a distância, notadamente o credenciamento institucional, a supervisão, o acompanhamento e a avaliação, harmonizados com padrões de qualidade enunciados pelo Ministério da Educação.

Entre os tópicos relevantes do Decreto, tem destaque:

- a) a caracterização de EaD, visando instruir os sistemas de ensino;
- b) o estabelecimento de preponderância da avaliação presencial dos estudantes, em relação às avaliações feitas a distância;
- c) maior explicitação de critérios para o credenciamento, no documento do plano de desenvolvimento institucional (PDI), principalmente em relação aos polos descentralizados de atendimento ao estudante;
- d) mecanismos para coibir abusos, como a oferta desmesurada do número de vagas na educação superior, desvinculada da previsão de condições adequadas;
- e) permissão de estabelecimento de regime de colaboração e cooperação entre os Conselhos Estaduais e Conselho Nacional de Educação e diferentes esferas administrativas para: troca de informações; supervisão compartilhada; unificação de normas; padronização de procedimentos e articulação de agentes;
- f) previsão do atendimento de pessoa com deficiência;
- g) institucionalização de documento oficial com Referenciais de Qualidade para a educação a distância.

Os referenciais de qualidade atuam como guias e são seguidos por uma estrutura pedagógica, que define uma característica própria ao curso oferecido. Assim, podemos conceituar o desenho pedagógico como uma série de elementos que são fundamentais para a definição dos objetos educacionais, como o tipo de mídia utilizado, a produção e oferta do material didático do curso e os sistemas de avaliação.

Por melhor que seja o formato, modelo ou recurso ofertado ao aluno, se este não for didaticamente utilizado, pouco favorecerá os processos de ensino e aprendizagem. Por isso, como um fator complementar e de igual importância, a EaD utiliza os recursos da didática para consolidar este processo, pois tem no seu

objetivo principal fazer acontecer a prática pedagógica, deixando claro para que fazer e por que fazer, além do uso de material didático adequado, que favorece ao aluno construir seu próprio conhecimento.

O parecer de Gouveia e Bizzo, à Câmara de Educação Básica/CNE (2002, p. 10) reafirma “que a aprendizagem, possível por intermédio dos meios de uma comunicação, não ocorre sem uma relação estreita entre os vários protagonistas do processo”, demonstrando que a participação e a interação entre os alunos e entre alunos, professores e tecnologias em uso são essenciais para a educação a distância. Neste parecer, os autores definem como pressupostos básicos para uma educação de qualidade:

- Necessidade de uma instituição educacional responsável pelo curso em seu todo, desde a definição da concepção educacional, planejamento, criação estratégias e condições favoráveis para a aprendizagem, elaboração de material didático, corpo docente, até a implantação do curso, o acompanhamento, a orientação e a avaliação do aluno. Os profissionais que compõem a equipe interdisciplinar responsável pelo curso devem participar de todas as etapas do curso.

- Relação professor-aluno baseado no acompanhamento do desenvolvimento do aluno e na interação presencial ou a distância, respeitando o ritmo de estudo, a disponibilidade de tempo e o espaço do aluno. O aluno precisa sentir que não está só, sempre existe um professor para orientá-lo e acompanhá-lo ao longo do curso.

- Uso integrado de distintos meios de comunicação para desenvolver conteúdos e manter constante interação com os alunos, considerando que forma e conteúdo, conceito e estrutura encontram-se imbricados. Os docentes precisam ser preparados para manter a coerência entre sua atitude nas interações e as intenções, concepções e objetivos do curso.

- Desenvolvimento do conteúdo de modo a favorecer a aprendizagem do aluno, partindo de suas necessidades, expectativas e experiências. O professor procura dar-se a conhecer aos alunos de modo a criar um relacionamento que possibilite que os alunos também se revelem e criem vínculos entre si e com os professores. Para evitar a dicotomia entre planejadores e

executores do curso, o material didático deve ser elaborado por especialistas membros da equipe interdisciplinar responsável pelo curso ou, no caso de matérias e textos de outros autores, é preciso que a equipe se aproprie dos mesmos para poder utilizá-los com os alunos.

- Avaliação do aluno em processo e no final das etapas de trabalho. Desde o princípio o aluno deve conhecer as intenções e objetivos do curso, as etapas previstas, metodologia de desenvolvimento e formas de avaliação. Durante o curso, devem ser fornecidas informações ao aluno sobre o progresso do grupo e o seu modo a dar-lhe condições de se auto avaliar e participar da avaliação do próprio curso.

É importante acrescentar a estes pressupostos a representação do pensamento do aluno e a comunicação de suas ideias, a produção individual e coletiva de seus conhecimentos. Com as características das tecnologias da Informação e comunicação (TIC) relacionadas com o fazer, rever e refazer contínuo, o erro é transformado no mesmo momento, para produzir novos saberes.

O uso de ambientes virtuais, numa perspectiva de interação e construção colaborativa de conhecimento, favorece o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas com a escrita, a leitura e a interpretação de textos, hipertextos e ideias do outro. Decorrente do grande impacto que o uso dos ambientes virtuais poderá causar, não somente no sistema educacional, mas também no desenvolvimento humano e na cultura brasileira, fortemente marcada pela tradição oral, seu uso deve ser continuamente integrado aos processos de formação de professores para atuar em EaD.

Os desafios da EaD são iguais aos desafios do sistema educacional em sua totalidade, no qual a análise implica em considerar que educação se pretende realizar, para quem se dirige, com quem será desenvolvida e quais tecnologias empregar. Um conjunto de respostas que pode fazer toda a diferença no desenvolvimento de processos educacionais de qualidade.

## CAPÍTULO 3

# COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DO PROFESSOR QUE ATUA EM EAD

### INTRODUÇÃO

Habilidade (do latim *habilitate*) é o grau de competência de um sujeito concreto frente a determinado objetivo, segundo definição da Wikipédia. (<http://www.wikipedia.org>). Para o Dicionário Aurélio, habilidade é a “qualidade de hábil”, que é um adjetivo que significa: “que tem aptidão para alguma coisa; competente, apto, capaz; inteligente, esperto, sagaz, fino”, entre outros significados. (FERREIRA, 1995, p. 335)

No entanto, ter habilidade pode significar ser "mais do que capaz", pois pode representar a possibilidade de reproduzir uma ação na prática, com êxito. Habilidade, assim, seria um indicativo de capacidade, particularmente na produção de soluções para um problema específico.

Em educação, habilidade significa “saber fazer”. Representa a capacidade do indivíduo para realizar uma ação, como classificar, montar, calcular, ler, observar e interpretar. Por outro lado, a competência corresponde à possibilidade de uma pessoa mobilizar suas habilidades (saber fazer), seus conhecimentos (saber) e suas atitudes (saber ser), para enfrentar determinada situação-problema. Assim, entender os conceitos é uma coisa, interpretá-los é outra e posicionar-se diante disso é outra ainda..

Habilidade é o que nós aprendemos e conseguimos identificar. Por exemplo, quando os alunos sabem identificar autores de textos ou de artigos. Habilidade está ligada à competência, que é a condição na qual se coloca em prática aquilo que foi aprendido. Por exemplo, quando os alunos criam seus próprios textos.

Segundo Philippe Perrenoud (1999), a competência corresponde a certa complexidade, envolve diversos esquemas de percepção, pensamento, avaliação e ação, que suportam inferências, antecipações, transposições analógicas, generalizações, apreciação de probabilidades, estabelecimento de um diagnóstico, a partir de um conjunto de índices, busca das informações pertinentes, formação de uma decisão etc.

No estágio de sua gênese, uma competência passa por raciocínios explícitos, decisões conscientes, inferências e hesitações, ensaios e erros. A competência é um saber fazer.

Para desenvolver competências, ainda segundo Perrenoud (1999) é preciso antes de tudo, trabalhar por problemas e por projetos, propor tarefas complexas e desafios, que incitem os alunos a mobilizar seus conhecimentos e, em certa medida, completá-los. Isso pressupõe uma pedagogia ativa e cooperativa.

Enfim, competência é a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações), para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações.

Na educação a distância, os papéis do professor se multiplicam, diferenciam-se e complementam-se, exigindo uma grande capacidade de adaptação e criatividade diante de novas situações, propostas, atividades. O professor participa das situações de ensino e aprendizagem de formas diferentes das usuais e exerce novos papéis, em variadas situações que ocorrem a cada nova proposta educativa.

O professor que trabalha com EaD precisa saber se relacionar com recursos tecnológicos sofisticados e outros muito simples, com internet de banda larga com grande velocidade de conexão e, outras vezes, com situações ou equipamentos de conexão lenta, com videoconferência multiponto (videoconferência com várias salas) e teleconferência, com *softwares* de gerenciamento de cursos comerciais e com *softwares* livres.

O profissional não pode se acomodar aos aspectos e equipamentos já conhecidos, porque a todo momento podem surgir soluções novas, que contribuem para facilitar o seu trabalho pedagógico com alunos. Ele precisa ter flexibilidade para se adaptar a situações diferenciadas e ter sensibilidade para escolher as melhores soluções possíveis para cada momento. Além disso, precisa saber trabalhar com poucos e com muitos alunos, com maior ou menor número de encontros presenciais.

Quanto mais situações diferentes ele experimentar, melhor estará preparado para vivenciar diferentes papéis, propor novas metodologias, construir diferentes projetos pedagógicos, providenciar o gerenciamento de novas situações que exigem planejamento. Além disso, será necessário integrar uma equipe pedagógica competente e multidisciplinar e realizar a aprendizagem de metodologias de ensino compatíveis com a EaD.

Para a realização de um bom trabalho, o profissional em EaD precisa contar com a ajuda de um monitor, para organizar os grupos locais: preparar os alunos para alguma pesquisa inicial, a ser realizada antes de uma aula expositiva; para organizar as questões e encaminhá-las para o professor; e para complementar a interação, posteriormente. Há necessidade de um bom planejamento das aulas e das atividades e de uma boa comunicação do professor.

Desde sempre, o ato de aprender esteve associado ao ato de ir à escola, ao ato de estar em uma sala de aula. Os professores aprenderam, quando eram alunos, a se relacionar com os alunos por meio do modelo convencional de ensinar e aprender em um espaço físico, que é a escola. Além disso, os professores aprenderam ao longo de sua formação que devem assumir um papel central e serem responsáveis por uma determinada área do conhecimento. Os alunos, por sua vez, tem se acostumado a ouvir, anotar e repetir aquilo que o professor diz ou escreve. E agora, todos esses comportamentos, historicamente construídos em sociedade, precisam ser revistos, quando se considera a EaD.

Nessa nova forma de trabalho pedagógico, o professor precisa rever suas ideias e concepções, de forma a ajudar o aluno a manter-se motivado e presente nos processos educativos.

## FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA ATUAR EM EAD

A disseminação do acesso às tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) ampliou a oferta de programas de educação a distância (EaD) e, com isso, surgiram novos desafios educacionais. É preciso considerar que essa modalidade de ensino deve se adequar para utilizar as funcionalidades das tecnologias, em situações em que promova efetivas contribuições ao processo educativo. Portanto, configuram-se novos contextos de ensino e aprendizagem, que provocam inúmeras transformações no fazer docente.

O final do século 20 e o início do século 21 estão caracterizados pela mudança-temporal, pela mobilidade funcional, pela globalização econômica, pelo impacto das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) em todos os ramos da atividade humana, pelo conhecimento provisório e pela evolução da ciência. Essas mudanças evidenciam uma fragilidade da formação inicial, e determinam reduzida garantia do emprego, e, por outro lado, uma necessidade de aprendizagem permanente.

Tais características trazem novas necessidades centradas em uma formação que se desenvolve entre a formação inicial e a continuada, que ocorre em diferentes espaços, tempos e situações, exigindo uma revisão dos contextos educativos formais e a integração das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) ao currículo. Desse modo, abre-se um novo cenário de trabalho docente, que coloca em questão a efetividade da formação convencional de professores, seu currículo, objetivos e metodologia.

Sendo a tecnologia compreendida como um instrumento estruturante do pensamento, desde sua concepção como projeto, e para que ela possa ser integrada ao currículo e ao fazer pedagógico, será necessário que o professor tome posse de suas propriedades intrínsecas, para utilizá-la na própria

aprendizagem e na prática pedagógica, e para refletir sobre as condições de uso da tecnologia, ao lado das contribuições ela pode trazer à aprendizagem e ao desenvolvimento do currículo.

De acordo com Silva (2012),

Cibercultura é a atualidade sociotécnica informacional e comunicacional definida pela codificação digital, isto é, pela digitalização, que garante o caráter plástico, hipertextual, interativo e tratável em tempo real de mensagem. A codificação digital permite manipulação de documentos, criação e estruturação de elementos de informação, simulações, formatações evolutivas ou estações de trabalho (Windows, Linux) concebidas para criar, gerir, organizar e movimentar uma documentação. Isso quer dizer: transitamos da transmissão para a interatividade, abrindo perspectivas para novos fundamentos em comunicação e educação. (SILVA, 2012, p. 55)

Trata-se de uma educação que se desenvolve na cibercultura, ainda segundo Silva (2009), constituída como “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, codificação, isto é, de atitudes, de modos de pensamento e de valores”, que vai além do uso da internet e explora suas possibilidades de comunicação multidirecional, e na cultura das novas gerações. Diante disso, é importante compreender como preparar os professores para que possam atuar nos novos contextos educativos da cibercultura, especialmente na educação a distância (EaD) *on-line* e no desenvolvimento do currículo construído na prática social, que compreende conteúdos, métodos, procedimentos . (SILVA, 2009, p. 12)

O currículo construído em ação, entre professor e alunos na sala de aula convencional ou no ciberespaço, engloba tanto os conhecimentos científicos organizados em materiais didáticos (impressos, audiovisuais, hipermídias) como os elementos simbólicos culturais, os saberes da prática docente, os conhecimentos prévios dos alunos e professores, as práticas sociais de comunicação, as técnicas e os artefatos (ALMEIDA, 2009).

Ainda que a comunicação professor-aluno seja intensa, caso o docente mantenha o foco das interações entre si mesmo e os alunos, ele permanece como o centro do processo, mantém a hierarquia da transmissão linear de informações e deixa de provocar as interações aluno-aluno. Quando o professor

cria situações para o debate e deixa fluir o diálogo, fazendo-se presente por meio de intervenções que colocam os estudantes em debate, promove a síntese das ideias colocadas pelos alunos e provoca processos de reflexão, os processos colaborativos são potencializados (COLLINS, 2004).

A criação de situações favoráveis à interação *todos-todos* está de acordo com os aspectos fundamentais da EaD enfatizados por Moore (1993): redefinição dos papéis de professores e alunos; diminuição da distância transacional; desenvolvimento da autonomia do aluno; diálogo aluno-aluno, cooperação e co-responsabilidade.

Segundo Almeida (2010), isso indica que um dos impactos que o professor enfrenta ao começar a atuar na EaD *on-line* diz respeito à relação entre a permanência e a participação do aluno com a própria participação e interação no espaço virtual de comunicação e realização das atividades.

A expansão espaço-temporal, a crescente complexidade e a perda de institucionalização do trabalho do professor provocam o desdobramento de sua função, que extrapola sua atuação individual e passa a englobar uma equipe composta por profissionais com distintas competências (especialista em conteúdo, pedagogo, técnico de *web*, programador, *designer instrucional*, *designer gráfico*, roteirista, tutor etc.), que transformam o professor individual em professor coletivo (BELLONI, 2002).

Portanto, é necessário ter a clareza dessa mudança, das concepções educacionais e dos propósitos envolvidos em um processo de EaD, pois ele pode gerar o risco de promover a divisão do trabalho do professor e transformar em partes isoladas as dimensões que se integram na ação docente *on-line*: pedagógica, didática e tecnológica. Além disso, Almeida (2005) considera também as dimensões da gestão da comunicação, dos espaços e das tecnologias, do trabalho em equipe e da reflexão sobre o trabalho da equipe e da própria atuação.

No entanto, o trabalho docente *on-line* envolve, ainda segundo Almeida (2010), o domínio do conteúdo de estudo, das tecnologias em uso e do processo pedagógico, no que se refere às concepções teóricas e metodológicas; a criação

de estratégias didáticas que proporcionem a aprendizagem; a articulação do conteúdo com a tecnologia no desenvolvimento das atividades; a atitude de questionamento, diálogo, produção de conhecimento, colaboração e reflexão sobre a própria atuação; e a capacidade para trabalhar em grupo. Desta forma, torna-se relevante compreender e desenvolver formas de propiciar a formação continuada do professor, em consonância com as demandas da educação *on-line*.

A formação do professor em ambiente *on-line* tem como finalidade prepará-lo para realizar o trabalho pedagógico mediado pelas linguagens veiculadas pelas TDIC. Ele requer habilidade com os conceitos de reestruturação e reorganização, que dizem respeito à formação em ambiente *on-line*, na qual o professor em formação assume diferentes papéis: no início, de aluno; em seguida, de planejador, *designer* de atividade *on-line*; seguido de mediador da aprendizagem do aluno em situação de ensino e aprendizagem *on-line* e de avaliador desses diferentes papéis.

De acordo com Quevedo, Crescitelli e Geraldini (2009)

Do ponto de vista da formação de profissionais, entendemos que o desenvolvimento das competências e habilidades necessárias para a formação em ensino a distância e novas tecnologias aplicadas à educação não ocorre meramente pela ampliação de habilidades técnicas; ocorre, sim, por intermédio da reflexão acerca do processo de ensino-aprendizagem, da concepção de tecnologia como ferramenta gerada com base no conhecimento acumulado [...]. (QUEVEDO, CRESCITELLI, GERALDINI, 2009, s/p.).

Nessa perspectiva, é preciso promover a formação continuada dos educadores para uma prática pedagógica mediada pela tecnologia digital, onde o próprio formando possa compreender as mudanças nas suas concepções relacionadas ao aprender, planejar, ensinar e se comunicar em ambiente *on-line*.

Entretanto, a reflexão não acontece ao acaso. Ela ocorre quando são criadas as condições com a intenção de provocar a introspecção, o olhar para as próprias representações, sentidos e valores, que o professor atribui à sua experiência e à experiência do outro, em busca de compreender criticamente essa ação e propor transformações para a realização de novas ações mais apropriadas ao contexto de aprendizagem de seus alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Foi interessante fazer esta pesquisa e descobrir que a Educação a Distância (EaD) não é uma modalidade recente de educação, ao contrário do que muitos pensam. Além disso, foi esclarecedor reconhecer o processo pelo qual seus experimentos iniciais foram ganhando impulso, se consolidando, de tal forma que hoje é possível entender que a EaD pode ser considerada uma modalidade de educação consolidada, quando diversificados recursos de informática podem ser utilizados em seu apoio.

Retomando os objetivos, que orientaram a pesquisa: analisar a História da Educação a Distância no Brasil até os dias atuais, como objetivo geral, e os três objetivos específicos: descrever o processo de implantação da EAD no Brasil; analisar as características essenciais da EaD baseada na web, praticada no Brasil; e enumerar as habilidades e competências necessárias ao educador que atua em EaD, posso afirmar que, nos limites de um trabalho de conclusão de curso de graduação, eles foram atingidos.

Além disso, fico feliz em saber que, atualmente, o mercado de trabalho em Educação a Distância tem se mostrado amplo e promissor para aqueles que se dispõem a atuar com qualidade e competências. Nesse sentido, vale lembrar que as novas tecnologias são criadas e aperfeiçoadas continuamente, e que esse processo permite a ampliação das formas e dos sistemas de comunicação, favorecendo assim, a expansão da EaD.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. Transformações no trabalho e na formação docente na educação a distância on-line. In: **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 84, p. 67-77, nov. 2010. Disponível em <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1791/1354>. Acesso em 01/dez/2012.

ALMEIDA, M.E. B. Tecnologias e Educação a distância: Abordagens e Contribuições dos ambientes digitais e interativos de aprendizagem. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.2, p. 327-340, jul./dez. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a10v29n2.pdf>. Acesso em 01/dez/2012.

ALMEIDA, M. E. B. Educação a distância no Brasil: diretrizes e políticas, fundamentos e práticas. In: **Revista PUC Viva**. Maio a Agosto 2009, ano 10, nº. 35.

ALVES, J.R.M. A história da EAD no Brasil. In: **A Educação a Distância no Brasil**. Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação, Brasil, 2007.

BELLONI Maria Luiza. Ensaio sobre a Educação a Distância no Brasil. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n 78, Abril/2002.

CARLINI, A. L e LEITE, M. T. M. Educação a Distância: Uma alternativa de Qualidade? In: **Revista PUC Viva**, Maio a Agosto 2009, ano 10, nº. 35.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Folha de São Paulo; Ed. Nova Fronteira, out/1994 a fev/1995.

LEMGRUBER, Márcio Silveira. Educação a Distância: Expansão, Regulamentação e Mediação Docente. In : **Educação em Foco**. Vol. 14, nº. 1, mar/ago 2009.

MORAN, José Manuel. **Avaliação do Ensino Superior a Distância no Brasil**. Disponível em <http://www.eca.usp.br/moran/avaliacao.htm>. Acesso em 01/dez/2012.

NUNES, Renata Cristina A avaliação em Educação a Distância é Inovadora?- Uma Reflexão. In: **Estudos de Avaliação Educacional**. São Paulo, v. 23, n. 52, p. 274-299, maio/ago. 2012. Disponível em [www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1739/1739.pdf](http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1739/1739.pdf). Acesso em 01/dez/2012.

PALLOF, M. R; PRATT, K. **Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço** - Estratégias eficientes para salas de aula on-line- Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

PERRENOUD, P. **Dez Novas competências para Ensinar**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2000.

QUEVEDO A., CRESCITELLI, M. Do Presencial para o Digital: uma mudança significativa na formação de professores (Curso de Letras). In: **E-Curriculum**, 2009. Disponível em <http://www.pucsp.com.br/ecurriculum>. Acesso em 01/dez/2012.

SILVA, Marco (org.). **Educação On-line** - teorias, práticas, legislação e formação corporativa. São Paulo: Loyola, 2003.